

CARTOGRAFIAS SENSÍVEIS NA CIDADE

Experiência e resistência
no espaço público da Região Sul do RS

Eduardo Rocha¹
Carolina Mesquita Clasen²
Emanuela Di Felice³
Lorena Maia Resende⁴
Luana Pavan Detoni⁵
Antonella dos Santos Pons⁶
Bárbara de Bárbara Hypolito⁷
Carolina Magalhães Falcão⁸
Debora Souto Allemand⁹
Fabricio Sanz Encarnação¹⁰
Fernanda Tomiello¹¹
Haydde Beatriz Escudero¹²
Juan Maniel Diez Tetamanti¹³
Rafaela Barros de Pinho¹⁴
Talita Correa Vieira da Silva¹⁵

1 Doutor em Arquitetura, Mestre em Educação, Especialista em Patrimônio cultural, Arquiteto e Urbanista. Atualmente professor adjunto no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas.

2 Licenciada em Artes Visuais. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas.

3 Atualmente é bolsista CAPES PNPd, no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas.

4 Arquiteta e Urbanista. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas.

5 Arquiteta e Urbanista. Atualmente é mestranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e professora substituta na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas.

6 Mestra em Arquitetura e Urbanismo, Arquiteta e Urbanista. Atualmente atua como Arquiteta na Secretaria Estadual do Rio Grande do Sul.

7 Mestra em Arquitetura e Urbanismo, Arquiteta e Urbanista. Atualmente doutoranda no Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

8 Mestra em Arquitetura e Urbanismo, Arquiteta e Urbanista. Atualmente é professora substituta no IF-Sul Campus Pelotas.

9 Licenciada em Dança, Arquiteta e Urbanista, Mestra em Arquitetura e Urbanismo. Atualmente é professora substituta no Curso de Dança, da Universidade Federal de Pelotas.

10 Arquiteto e Urbanista. Atualmente é mestrando no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas.

11 Mestra em Arquitetura e Urbanismo, Arquiteta e Urbanista. Atualmente é professora no curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Católica de Pelotas.

12 Pós-doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Doutora em comunicação, mestra em Comunicadora Social. Atualmente é professora na Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco/Argentina.

13 Pós-doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Doutor e Mestre em Geografia, Geógrafo. Atualmente é professora na Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco/Argentina.

14 Mestra em Arquitetura e Urbanismo, Arquiteta e Urbanista. Atualmente é professora substituta na Escola de Engenharia, da Universidade Federal de Pelotas.

15 Mestra em Arquitetura e Urbanismo, Museóloga.

Resumo

Considerando o cenário complexo, heterogêneo e caótico das cidades na contemporaneidade busca-se aproximar a coexistência da estrutura urbana associada às vivências sensíveis. O grupo de pesquisa propõe o acirramento das situações de ruptura em diversas áreas, seja no enunciar das cidades pequenas; na atenção a corporalidade da criança que ocupa o espaço público; na interferência do som urbano; no processo efêmero das feiras públicas-urbanas ou no entendimento da dinâmica da linha de fronteira que separa e une países. O fio que conecta cada situação é a experiência da cartografia sensível como metodologia, o modo de acompanhar os processos e não o de quem busca respostas ou motivos pré-estabelecidos, a possibilidade de apoderar de fontes variadas além das escritas-teóricas-conceituais. Deste modo, a imersão corporal do pesquisador no território reúne as percepções mais próximas da realidade, o que viabiliza aos arquitetos, urbanistas, artistas, uma nova perspectiva de sentido e criação das cidades.

Palavras-chave: cartografias sensíveis, cartografias urbanas, cartografias sociais, urbanismo contemporâneo, filosofia da diferença

Abstract

Considering the complex, heterogeneous and chaotic scenario of cities in the contemporary world, we seek to approximate the coexistence of the urban structure associated with sensitive experiences. The research group proposes the intensification of situations of rupture in several areas, be it in the enunciation of small cities; attention to the corporality of the child that occupies the public space; in the interference of urban sound; in the ephemeral process of the public-urban fairs or in the understanding of the dynamics of the border line that separates and unites countries. The thread that connects each situation is the experience of sensitive mapping as a methodology, the way to follow the processes and not the one of those who seek answers or pre-established motives, the possibility of taking over varied sources besides theoretical-conceptual-writing. In this way, the researcher's immersion in the territory brings together the closest perceptions of reality, which enables architects, urbanists, artists, a new perspective of meaning and creation of cities.

Keywords: sensible cartography, urban cartographies, social cartographies, contemporary urbanism, philosophy of difference.

Produção de territórios

Esse ensaio busca resgatar diversas cartografias sensíveis que vem sendo realizadas pelo grupo de pesquisa CNPQ: Cidade+Contemporaneidade¹⁶, em dissertações de mestrado e pesquisas de pós-doutorado, em cidades da região sul do Rio Grande do Sul, tendo como sede a cidade de Pelotas. A ideia central deste escrito é metacartográfica. Desta forma, serão como que mapeadas as cartografias experimentadas em distintos territórios e sensibilidades, procurando um plano consistente; assim como algumas pistas possíveis de serem perseguidas por futuros cartógrafos e curiosos quanto ao método da cartografia.

A produção cartográfica é enunciada pelo grupo multidisciplinar Cidade+Contemporaneidade; de pesquisa, ensino e extensão. Composto por arquitetos, urbanistas, artistas visuais, educadores, comunicadores sociais, geógrafos, museólogos, músicos, escritores, musicistas, bailarinos, entre outros, o grupo intervém e é interposto pela cidade contemporânea. De forma geral as ações do grupo buscam

16 Ver mais em: <http://cmaiscufpel.wixsite.com/cmaisc>

articular-se em torno da abordagem multidisciplinar de questões teóricas e empíricas relacionadas à sociedade contemporânea, em especial na relação entre a arquitetura e cidade, habitando para isso as fronteiras da filosofia, das artes e da educação, a fim de criar ações projetuais e perceptos para uma estética urbana atual.

O método da cartografia vem sendo um atravessamento comum na maioria dos trabalhos desenvolvidos desde o ano de 2011. Essencialmente as cartografias desenvolvidas pelo grupo são o resultado de três planos que se atravessam e configuram o que nomeamos de Cartografia Sensível na Cidade: Cartografia (filosofia e psicanálise), Cartografia Social (geografia) e a Cartografia Urbana (urbanismo e artes), enquanto gênese teórico-metodológica.

Cartografia: Territorialidades possíveis

Cartografia inicialmente é mapa e escrita¹⁷, um mapa escrito e descrito. Nos países de língua inglesa é nítida a diferença entre o mapa e a carta, ambos dão conta de dados sólidos de um terreno, mas o mapa dá conta da parte descoberta e a carta com a porção submersa. Genericamente o mapa é uma representação geral e carta se destina a representação náutica, lacustre ou pluvial¹⁸, hoje também cartas aeronáuticas (OLIVEIRA, 1988).

Na língua portuguesa confundimos carta e mapa, quase que propositalmente essas palavras são utilizadas como sinônimos nas suas variações em comum. Cartografar é mapear por cartas. Inscrever cartas como as náuticas que são traçadas enquanto se navega, mudando de direção, mareando, narrando tudo que é preciso para se navegar, desde uma mudança de ventos até o relevo aquático mais ínfimo. Tudo projetado na superfície da terra. Tudo atualizado para aquele instante e acontecimento.

Em 1980 o filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Felix Guattari concebem a cartografia como um dos princípios para acessar a sua obra *Mil Platôs*, desenhando caminhos, trajetos e devires. Mas afinal que mapas cartográficos são esses? Mas, é através dos autores que o método vem se consolidando em pesquisas de campo voltadas para o estudo da subjetividade (KASTRUP, 2007; KIRST, GIACOMEL, RIBEIRO, COSTA, & ANDREOLI, 2003) quando os princípios cartográficos são o suporte para a composição dos planos imanentes e suas rupturas. Essa cartografia que buscamos, portanto, tenta dar conta da contemporaneidade, de problemáticas em recentes distâncias temporais e aproximações em territórios que se atravessam.

Cartografia social

Para o adendo da condição social da metodologia cartográfica pressupõe-se como ponto de partida o desejo comunitário de mapeamento. Este instrumento, que atua no sentido de ampliar a esfera de pertencimento comunitário, é utilizado acompanhado de diversos procedimentos para a constituição do que possa ser esse coletivo mapeado.

O grupo aborda **oficinas de cartografia social**¹⁹ em um primeiro momento desde uma

¹⁷ Do grego *charta*=mapa/papel e *graphein*= escrita, na língua portuguesa essa palavra foi criada originalmente em 1839

¹⁸ Em francês só existe a palavra carta. A única exceção é o termo *mappemonde*. O alemão, igualmente, só usa carta (*karte* ou *landkarte*) (OLIVEIRA, 1988).

¹⁹ Contribuições dos professores da Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco/Argentina, a comunicadora social Haydde Beatriz Escudero e o geógrafo Juan Manuel Diez Tetamanti.

perspectiva que poderia ser definida próxima a visão de representação. Deste modo, a escola de cartografia social colombiana foi muito influente na transformação das práticas e abordagens metodológicas. A medida que as oficinas acontecem e as leituras acerca da produção de subjetividade do processo cartográfico são aprofundadas, as práticas se aproximam a uma postura mais crítica e fenomenológica. As questões da psicanálise contaminam cartografias adensando as relações da pesquisa e do território. Assim, o método cartográfico fez um rizoma em nosso próprio “modo de fazer cartografia social” e as proposições estão sempre transformadas pelo conjunto de cartógrafos em ação no mapa coletivo, produzindo sempre realidades outras. Neste sentido, o processo de mapeamento que se transita imerge todos seus participantes em um novo método catalisando novas práticas da cartografia. O mapa é distanciado da ordem de representação, aproximado da produção de realidades, consensos e problematizações; experimentação que adentra e conhece territórios vividos, através do corpo posto sobre o papel, a carta, inscrevendo o diálogo e as singularidades dos cartógrafos sociais. Desta forma, produzir um mapa cartográfico não exige somente atenção ao território, mas as desterritorializações produzidas em relação a ele. O livro que introduz a obra *Mil Platôs* (1995), descreve o mapa produzido pelo método cartográfico:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. [...] Um mapa é uma questão de performance. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

A produção coletiva do mapa é vetorizada por duas questões que podem ser tomadas aqui como operadores materiais de poder, no conceito de dispositivo elaborado por Michel Foucault (1979). Os dois vetores estão orientando o processo através do conhecimento do território plural e sua enunciação que é, imprescindivelmente, coletiva. Neste momento, a cartografia social dispõe alargamento do processo para ampliação do debate e da indissociável intenção de se fazer como produto da troca, de partilha, debate sobre ações, objetos e conflitos, e, finalmente, um consenso (ROCHA; TETAMANTI; CLASEN, 2017). Está aqui um dos pontos dissonantes da cartografia social, urbana, sensível: ela não está a serviço da legitimação técnica e sua instituição - acadêmica, militar, estatal.

A constituição cartográfica de um território deve percorrer os meandros que o corpo social compõe e não apenas acatar o cartesianismo do desenho urbano. Dizer sim para a invenção e a criação (ROCHA, 2014), para então apreender as territorialidades que inscrevem a vida urbana, que atuam de fato nos processos comunitários e não estão em pauta na formação do que é público. Já que a cartografia social se funda na subjetividade dos cartógrafos, a função de mapeamento é submetida a todos os participantes do processo, já que esse processo é atravessado por desejos e não apenas por bagagem técnica, científica:

(...) não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele [*o cartógrafo*] não há nada em cima - céus da transcendência -, nem embaixo - brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos (...) (ROLNIK, 1989)

Desta forma, compreendemos que os procedimentos cartográficos nos abrem as

brechas microssociais, já que aproximam o cartógrafo dos territórios e dos cenários de intervenção. As andanças entre compreensão e mapeamento do que o território apresenta não acontecem de forma dialética, mas fluída em sua heterogeneidade extensiva. O que torna o mapa um sobreposto de capturas intensivas (DELEUZE, 1997) decorridas da atenção que a metodologia implica ao pesquisador e singular em sua composição estratégica coletiva.

Para além disso, as cartografias sensíveis são sobretudo políticas, quando propõem perspectivas que deixam de ser sobre um mapeamento e assumem-no pelas bordas, sob o mapa, imerso a ele.

Cartografia urbana

Em sua perspectiva urbana, as cartografias sensíveis se anunciam como as psicogeografias espaciais. Ou seja, componentes que configuram o espaço não só através da materialidade urbana, mas do uso de cada metro quadrado. Sugere-se que, de alguma forma, seja preciso sentir-se inadequado, fora da zona de conforto, para perceber o contemporâneo e sua territorialidade.

Aqui, o cartógrafo assume o corpo como instrumento. Não é a instrumentalização da captura de intensidades, é que o errante, ou o caminhante, ou transurbante (CARERI 2013), como o leitor preferir chamá-lo, entra em um jogo que nos permite experienciar a cidade de forma direta. Essa exploração transurbante é o acesso ao desconforto, que permite a projeção de um estado de leveza espacial e temporal, sendo esta mesma capaz de nos posicionar na experiência da cidade, neste tempo e neste espaço - ou fora dele - reconhecendo nela todos os elementos e forças que estão presentes.

A proposição urbana é corpórea. A função ética-estética da cidade salta das ruas e assume camadas epidérmicas, intraurbanamente se compõe de vestígios da pele transeunte. Assim, a profundidade que se produz como método de apreensão está na ordem filosófica sponozista dos encontros do corpo com a carne da cidade. “A produção depende de encontros, encontros são roubos e roubos são sempre criativos; roubar um conceito é produzir um conceito novo.” (GALLO, 2015). Os encontros são a produção desviante das problemáticas enunciadas na pesquisa.

O conceito de desvio está indissolúvelmente ligado a reconhecer a natureza e os efeitos psicogeográficos naturalizados na afirmação de um comportamento lúdico-constructivo. A deriva (DEBORD, 1958) como forma de vivência e **método para romper com a racionalidade das representações dos espaços dominantes, é uma produção desviante**²⁰. A cartografia dos lugares banais, dos encontros fugazes, da criação de um mapa de *afectos*, das relações e das forças transbordantes do caminho e que com ela provocaram sentimentos e imaginários, é o resultado capturado das experiências físico-práticas.

A cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática em um princípio inteiramente voltado para uma experiência ancorada no real (DELEUZE, 1995, p. 21).

A apreensão do real é a presunção cartográfica como produção da caosmose

²⁰ Pesquisa em desenvolvimento no âmbito do pós-doutorado pela autora Emanuela Di Felice, entre os anos de 2016 e 2018.

(GUATTARI, 1992) e, necessariamente assim, descrevem os filósofos Deleuze e Guattari quando delineiam a operação conceitual como ressignificação do mundo. A experiência cartográfica é então tratada aqui como experimentação urbana filosófica, quando a criação de conceitos está exclusivamente na ordem filosófica. Ou seja, uma nova forma de pensar e ver que fuja da representação e encontre na diferença outros modos de expressão – como a crítica feita por Foucault na obra “Isto não é um cachimbo”. As ciências exatas e mesmo produções exploratórias quantitativas acerca das cidades operam proposições ou funções que, embora partam do vivido, denotam representações territoriais através do saber como operador do poder. Quando tratamos de uma experiência que se demora para criar com a urbanidade, referimos a intensidade não somente corpórea, mas de observar, insistir, de reduzir os lugares como um organismo vivo. Cartografar é, portanto, habitar um território existencial. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago (ROLNIK, 1989, p.15-16).

Na visão de que perder tempo é ganhar espaço, (MUZZONIGRO, TALOCCI 2012) a cartografia urbana se apoia na teoria da deriva, abrindo novos métodos de conhecimento, no qual a pesquisa e o pesquisador reúnem teoria e prática no território. Se entende então, que a possibilidade de tropeçar e de cometer erros numa interação do corpo a corpo é uma necessidade para conhecer e imaginar a cidade e o contemporâneo com novas ferramentas.

Nesta perspectiva a pesquisa como experiência não é uma mera aplicação de teorias ou a execução de procedimentos técnico-metodológicos prescritivos, como já dito. A pesquisa cartográfica não separa teoria e prática, a experiência se faz nos espaços de reflexão e de ação. Conhecer, agir e habitar um território não são experimentações separadas e distantes. A proposta da cartografia é que o pesquisador se inclua no território, componha sua paisagem, acompanhe os seus ritmos e processos, numa posição de atenção ao acontecimento para captá-lo em sua expressividade e singularidade.

No caso da cartografia urbana a intenção é trazer à tona o (in)visível e assim poder inseri-lo no processo projetual. Interessam as singularidades produzidas nas abrangências dos limiares e bordas da cidade. Uma das cartografias propostas pelo grupo se encontra no **espaço de uso público em orlas e sua devida apropriação pelos cidadãos**²¹, é ressaltado no limite que a cidade faz com a água. Cidade, hoje, que é habitada por uma complexa sociedade, que se produz e reproduz cotidianamente, que não muito raro tropeça na própria produtividade e que dá a ver a necessidade da cartografia urbana como apontamentos sobre um novo olhar para a questão do urbanismo.

Manter a pesquisa sobre os princípios do urbanismo em consonância com a rápida transformação da sociedade contemporânea é fundamental para que as cidades possam se preparar para buscar uma harmonia com seu tempo, principalmente a pesquisa sobre a relação do homem com o seu sítio e a sua dimensão humana, tão esquecida e tratada a ermo por tantas décadas. É como se o cartógrafo desenhasse em seus mapas a retomada do corpo, a incorporação das cidades.

“A cena, aqui, implica uma múltipla superposição da enunciação: uma visão de si mesmo, enquanto encarnação concreta; um sujeito da enunciação que duplica o sujeito enunciado e a distribuição dos papeis; uma gestão coletiva do jogo; uma interlocução com os comentadores dos acontecimentos (...)” (GUATTARI, 1992, pg. 17)

²¹ Tema da dissertação de mestrado em desenvolvimento pelo autor Fabrício Sanz Encarnação (PROGRAU/UFPel).

A cidade não pode ser reduzida a um mapa fixo que se enuncia do uno, pois suas fronteiras físicas possivelmente não representam até onde o olhar enxerga; a cidade também é representada pelas cenas urbanas dos sujeitos, pelas memórias, pelo vivido, pelo experimentado.

Tudo que se passa quando não se encontra o que se espera[...] conhecer não é reconhecer a realidade, não é representar, e que o concreto se atualiza nestes espaços de ruptura. O presente e o tempo importam na pesquisa que se faz como acompanhamento dos processos. Pragmáticas performam mundos e vice-versa. Um aspecto importante na formação é desmontar o sistema de responsividade estímulo-resposta que considera o mundo dado e as ideias já formuladas. É preciso aproveitar os deslocamentos que viabilizam o acesso ao plano de transformação da vida, em vez de funcionar de modo mecânico, automático, no já dado sistema fechado sujeito-objeto. "Ao tentar conhece o conhecer, acabamos por nos encontrar com nosso próprio ser" (SADE; KASTRUP, 2011, p.144).

Ver, ouvir, sentir e vivenciar, deixando-se ser afetado e permitindo que o olhar seja também guiado pelas experiências que a cidade pode proporcionar. Numa visão de ciência nômade, na reterritorialização dos conceitos e desconstrução dos olhares, as brechas urbanas têm potência; criando um novo e independente cotidiano.

Cotidiano esse que cartografado sob a perspectiva limítrofe com a água, pode estabelecer um novo olhar para a prática, o planejamento e o uso dos espaços de contato imediato entre o meio urbano e a natureza. A contemporaneidade traz a emergência da discussão sobre os limites, as margens e as fronteiras, apontando potencialidade de relacionar esses temas com as questões das cidades.

As pesquisas do grupo, aliadas as análises cartográficas de projetos urbanísticos contemporâneos, proporcionaram, por exemplo, um melhor aproveitamento das margens das cidades, bem como produção de pistas e estratégias a serem compartilhadas à concepção de novos projetos de espaços públicos e experiência crítica de espaços construídos. A atual pesquisa sobre o urbanismo contemporâneo tem buscado ampliar a percepção sobre o próprio urbanismo, compreendido muitas vezes de forma restrita a partir de conceitos, sem buscar o conhecimento na alteridade - importante fator para a diferenciação da pesquisa cartográfica -, em que reafirma a reprodução do espaço que se produz para um modo de produção dominante. Essa produção da diferença, na brecha, se dá em um repertório transversal oriundo de outros campos do conhecimento como: paisagem, sustentabilidade, mobilidade, saúde, arte, história, política, cultura e relações pessoais, configurando contemporaneamente as problemáticas abordadas, exprimindo o seu *Zeitgeist*.

Para além disso, são sugeridos que os preceitos urbanos estejam adjacentes a tais processos cartográficos, seu plano intensivo (DELEUZE, 1997). Que seus princípios sejam estudados juntamente com a análise crítica dos espaços, com a prática sensível enunciada em cada esquina, para que questões da ciência urbana possam tocar a vida cotidiana. É instigante, para o grupo, a possibilidade de pesquisar que proponha criar tais conceitos, não só com o objetivo de acirrar os limites, transbordá-los, mas acrescentando-lhes, ainda, um olhar atento à necessidade de produção do espaço com a referência da escala humana. Assim, a pesquisa cartográfica não destitui a égide teórica, mas a mantém como pano de fundo dos acontecimentos corpóreos.

Cartografias sensíveis na cidade

Um percurso entre mapas: uma cartografia que se faz sensível na multiplicidade

Gesto a gesto, o mapa vai transvalorando a enunciação de poder para uma proposição territorial da multiplicidade. Desvelando a centralidade hierárquica, a cartografia realoca as linhas e trama a malha dos encontros. Neste sentido, são trazidas diferentes articulações teórico-metodológicas do grupo geradas por corpos-cartografantes que estão atirados no urbano. Dispostos a multiplicidade da rua:

O plano de imanência toma do caos determinações, com as quais faz seus movimentos infinitos ou seus traços diagramáticos. Pode-se, deve-se então supor uma multiplicidade de planos, já que nenhum abraçaria todo o caos sem nele recair, e que todos retêm apenas movimentos que se deixam dobrar juntos (...) Cada plano opera uma seleção do que cabe de direito ao pensamento, mas é essa seleção que varia de um para outro. Cada plano de imanência é Uno-*Todo*: não é parcial, como um conjunto científico, nem fragmentário como os conceitos, mas distributivo, é um 'cada um'. O plano de imanência é folhado. (DELEUZE&GUATTARI, 1992, pg. 92)

É a partir da multiplicidade que se constituem os conceitos no campo problemático como gerador de sentido, consistência que intensifica traços. Impulsionando formas de expressão "os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades, que lhes convêm ou não, que passam ou não passam" (Deleuze & Parnet, 1998, p. 12), atuando como potencialidades intercessoras da invenção cartográfica.

O espaço público das cidades na contemporaneidade não está definido e limitado pelos planos e linhas urbanas. Em muitas ocasiões são os habitantes da cidade que decidem que espaço vai ser público ou não; que espaço cumprirá uma função ou outra. **As feiras de antiguidades (ou feira das pulgas)**²², assim como outras feiras, são os espaços onde se produzem atividades que tendem a subverter as leis da economia tradicional, do urbanismo e das relações humanas. São os lugares de diversidade e densificação de pessoas e atividades.

Encontra-se nesses espaços, um *outro urbano*, "aquele que escapa, resiste, vive e sobrevive no cotidiano dessa outra urbanidade, através de táticas de resistência e apropriação do espaço urbano, de forma anônima (ou não), dissensual, radical" (PINHO, 2017). A partir desses encontros com as feiras das pulgas e as teorias estudadas nasceram agenciamentos: hospitalidade+hostilidade e estrutura+ruptura, aproximando as diferenças e as potências que se fazem em seu encontro, que se agenciam mais pela soma e menos pela oposição, mais pela heterogeneidade do que pela homogeneidade.

A pesquisa cartográfica que perambula entre feiras através de outro cartografante investe na experiência de vivenciar a cidade na contemporaneidade, a fim de investigar pistas, microrresistências, que escapem da passividade corporal instaurada por um sistema que desenvolve cidades e sociedades moldadas pela razão. Essas enunciações estabelecem relações de enrijecimento na cidade e nos indivíduos; reduzindo as possibilidades da qualidade dos espaços e da própria experiência urbana

²² Tema da dissertação de mestrado publicada em 2017, por Rafaela Barros de Pinho disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/dissertacao_rafaela_pinho.pdf> Acesso em: 9 de dezembro de 2017.

que, por produzir-se em si, transborda diferenciação.

A atenção cartográfica se dispõe para a transcendência das diferenças, na experiência de interação e de imersão em um território como o das **idades pequenas que apresentam a potência de um devir menor**²³. Desde a aproximação entre as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia da diferença, esta pesquisa versa sobre as adversidades da arquitetura e do urbanismo quanto à apreensão do território das cidades pequenas, considerando a atualidade e os possíveis desejos de intervenção. Com o intuito de aprender e ensinar com os modos de vida e os lugares experienciados nas cidades pequenas, de modo a sugerir pistas para intervenções que possam atuar como potências na contemporaneidade.

Através do método da cartografia e dos procedimentos da pedagogia da viagem, são experienciadas as cidades de estudo, localizadas na microrregião de Pelotas/RS, de forma efêmera, obscura e arcaica, gerida pelas questões da subjetividade. Através da captura de cenas pelos encontros dos planos extensivos e intensivos são produzidos mapas fabulados sobre esses territórios de um devir menor. Noção construída através dos encontros teóricos com o conceito de fronteira, experienciado entre o campo e a cidade; com o conceito de literatura menor, experienciado nos modos de subjetivação; e com o conceito de desejo que experiencia a condição da contemporaneidade nas cidades pequenas.

Como resultados, são abordadas pistas sobre a prática de plano e projeto, do urbanismo contemporâneo e das intervenções para essas cidades, que não estão inertes às essências do passado e às representações da urbanização, mas na inflexão destes movimentos. Também é fomentada uma crítica teórica no agenciamento da pesquisadora, arquiteta-urbanista-cartógrafa, com os conceitos de hospitalidade, subjetividade, micropolítica e pedagogia.

Numa dada possibilidade da cartografia são aceitos os desvios estabelecidos na relação entre corpo e cidade através da intervenção das **escritas urbanas no espaço público**. Explorando as possibilidades de leitura do espaço urbano da cidade de Pelotas/RS, a partir da experiência do corpo *afectado* pela interferência das escritas urbanas²⁴. Com isso, a pesquisa lança um olhar investigativo sobre a cidade contemporânea, seu desenho urbano, as manifestações expressas e a experiência corporal realizada pelo espaço público; e, propõe relacionar teorias do urbanismo contemporâneo, da arquitetura, das artes e das filosofias da diferença a fim de possibilitar diálogos potentes e a investigação das relações entre os elementos da composição da realidade estudada.

Assim, no pano de fundo da experiência cartográfica do grupo há a necessidade de ampliação nas formas de estudo do ambiente urbano contemporâneo, tendo o corpo e a produção de subjetividade como fio condutor para a leitura deste cenário, a partir de sua experiência ativa pela cidade, pelos elementos e linguagens que a compõe. Este corpo que vagueia e pesquisa pela cidade, acompanhando os “escritores urbanos” e os processos de transformação que vão ocorrendo na paisagem e nos corpos que ali circulam, produz cartografias em camadas de tinta, cal, concreto, manifesto. Manifesta-se sobre outra altura dos olhos ou sobre outra disposição do corpo que dá a ver outras alturas. Para isso a dança, ou a criança.

23 Tema de dissertação em desenvolvimento pela autora Luana Pavan Detoni (PROGRAU/UFPel).

24 Tema da dissertação de mestrado publicada em 2015, por Bárbara Hypolito disponível em: < http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/dissertacao_barbara_hypolito_2015.pdf > Acesso em: 9 de dezembro de 2017.

A própria cidade, a partir de suas transformações naturais vai, dessa forma, se manifestando outra e, com isto, influencia explicitamente no modo como os habitantes vão movimentar-se. **As experiências corporais de contato direto com a cidade** também vão formando os sujeitos de formas múltiplas, definindo-os, mesmo que involuntariamente. Essas microrresistências naturais da cidade tocaram o ...AVOA!²⁵, foram acontecimentos importantes que possibilitaram a criação a partir da experiência de atenção ao espaço. Mas, em geral, os indivíduos da cidade não são tocados por essas transformações, já que vivem no tempo do trabalho, na velocidade da cidade contemporânea, velocidade esta que impede as paradas no caos, as paradas para o olhar, o pensar, o escutar.

O que se altera no corpo do cartógrafo para a pesquisa da multiplicidade é a conduta para um modo de vida que está submetido à normatização. Não se trata, neste sentido, de confrontar o corpo que desloca-se com o objetivo uno, com tempo pré-determinado, que funciona sob a matriz da produtividade; mas sacudi-lo e dar a ver inquietudes. No acaso da rua, constroem-se questionamentos ao longo da pesquisa acerca das corporalidades, um dos recortes para a produção cartográfica do grupo de pesquisa são as crianças, como resistência aos corpos consumo, dispositivos decisivos nas práticas cotidianas que operam na urbanidade.

E o grupo produz, sobretudo, nesta carga de subjetividades arquitetônicas ou sensibilidades urbanísticas que se encarregam nos/dos descaminhos cartografados. Não é possível pensar somente na casa, sem pensar a cidade ou pensar a cidade sem olhar para as pessoas. A subjetividade não implica uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro. (...) subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo, subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social. (...) O que se chama de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados. (Guattari & Rolnik, 1996, p.31, p. 47).

Não se pode descartar as relações espaço-temporais em prol apenas da apreciação estético-arquitetônica. Portanto, aqui partimos em um percurso que vai do real para o abstrato, da rigidez formal da arquitetura e do urbanismo dos condomínios fechados aos conceitos que extrapolam o concreto, dotados de valores simbólicos. Ressignificar a arquitetura através das pessoas, através das complexidades e poéticas de cada lugar. Da subjetividade arquitetônica, que ultrapassa as formas e as funções pré-determinadas, o estudo visa acolher e colher os processos que se encontram nas dobras, na sensibilidade das necessidades de cada indivíduo que se coloca em uma unidade de moradia coletiva – individual. E por subjetividade quer aqui se definir o que é próprio de cada pessoa e sua arquitetura, considerando seus pensamentos e sentimentos. Para a filosofia da diferença a subjetividade é a capacidade inata do ser humano de se adaptar e ressignificar o modo de habitar, ou seja, entender algo concreto através do indivíduo que é a parte subjetiva. Através dessas indagações, da busca de respostas (in)concretas para entender a cidade a partir da arquitetura que chega-se ao complexo que é esta casa: território de subjetividades em um **percurso sobre sensibilidade e arquitetura nos condomínios fechados**²⁶.

25 Tema da dissertação de mestrado publicada em 2016, pela autora Débora Allemand. Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/corpografias_da_cidade_atraves_da_danca.pdf> Acesso em: 9 de dezembro de 2017.

26 Tema de dissertação desenvolvida pela autora, Carolina Magalhães e publicada em 2016. Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/falcao_carolina_-_dissertacao_de_mestrado.pdf> Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

Neste recorte, entende-se que não a criança apenas, mas a condição de devir-criança (DELEUZE, 1997) em sua resistência inventariante e criativa do espaço, deformam o corpo anestesiado em deslocamento. Uma cartografia produzida pelo corpo infantil se torna de resistência, mira na fresta potente do espaço trazendo mais latentes quando o corpo em devir reivindica o espaço que é, e deve se fazer, público.

Dentre os deslocamentos cartografados, na curva de uma esquina, surge uma pergunta quase que como escrita urbana: o devir-criança participa de uma reinvenção do espaço urbano?

Para outro uso do espaço, outra altura dos olhos, outras perspectivas de levantamento geográfico que insurgem territorialidades invisibilizadas. **A produção cartográfica da gestologia infantil** se produz nas características da prática da rua que desviam o discurso homogeneizante, ainda que fossem parte deste enunciado (de poder), assim como a experiência. A condição de devir-criança que é caracterizada pela experiência inventiva na cognição contemporânea, institui para os deslocamentos a ética da contemporaneidade que se ressignifica tangenciada pela potência do encontro (SPINOZA, 2009) urbano²⁷.

Estas são extensões que reafirmam espaços públicos construídos para, pela e com a ética da multiplicidade (DELEUZE, 1997). **A captura fotográfica, o fotograma, é um dispositivo que opera as cartografias do grupo em suas multiplicidades.** Propõe-se pensamento no espaço negativo do que estaria enquadrado, um quadro gera e demonstra através da fotomontagem sua liquidez corpórea.

O problema da captura instaurou uma cartografia que se produz na paisagem urbana, onde apesar do seu dinamismo, costuma ser representada a partir de um único instante, um fragmento temporal ínfimo diante dos inúmeros estados que a ela assume com o passar do tempo²⁸. A fotografia, amplamente usada para registrar, mostrar e estudar a paisagem, caracteriza-se justamente pela instantaneidade, que pode limitar o entendimento da paisagem urbana, especialmente de sua dinâmica; agenciamento possível com a posição.

É também através das câmeras que são demarcados os **territórios cartográficos das imagem-tempo que emergem das tramas da cidade institucionais, como o museu**, por exemplo. O museu como um lugar de memória, que produz sensações nas pessoas, que questiona o lugar de estar, o de passagem, a produção cartográfica problematiza, a partir da experiência, o espaço do museu no contexto da cidade contemporânea. Constituindo uma cartografia sensível da função desse espaço urbano, em uma cidade acelerada, em constante transformação, atravessado pela memória institucionalizada.

Na cristalização destas memórias, na subjetivação do espectador, aglomerando os múltiplos discursos, colaborando e criando novas formas de viver e de se relacionar com a cidade, produzindo sentido na vida das pessoas. Este estudo de inspiração cartográfica traça seu percurso audiovisual enquanto pesquisa e traz como recorte três museus da cidade de Pelotas: o Museu do Doce, o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter²⁹. Vinculados a Universidade Federal de

Pelotas, os três museus se localizam no centro da cidade, de certa forma, próximos um dos outros, o que pode sugerir um território para pensar a/na cidade.

Com-posição intramapa

Com a licença da distensão da palavra, a composição cartográfica dá a ver posições do corpo nos meandros mapeados. É um modo de atuação do cartógrafo intramapa. Não estão entre, sobre. Enquanto cartógrafos, são expurgados a partir do território reproduzido. O que a apreensão metodológica persegue, a partir do território existencial do pesquisador, é o rastreamento das desterritorializações, da eclosão do novo (ROLNIK, 1989).

Na invenção, é preciso estar atento aos encontros, às virtualidades que estalam nos agenciamentos e que são oriundos das inquietudes que, no processo de trabalho, acometem tanto o cartógrafo os territórios cartografados, o campo. Na implicação cartográfica é que se encontra o dispositivo de como levantamento do campo. É a partir de sua subjetividade que afetos e sensações irrompem, sentidos são dados, e algo é produzido.

Caminhadas despreziosas preenchem as linhas duras do urbanismo, rabiscam moléculas fulgazes e capturam instantes na tentativa de suspendê-lo. Não existe um tempo linear que faça demarcações para uma imersão no território, o cartógrafo está no território. É da ação territorial que se constituem narrativas visuais e literárias, fotomontagens, diários que estendem os reterritórios em *collages*³⁰, produção gráfica e audiovisual.

Há imersão tal que a cartografia não acontece num recorte temporal, mas recorta corporalmente o cartógrafo do tempo. Nesse sentido, um outro trabalho do grupo de pesquisa observou a necessidade de refletir sobre **o conceito e a representação da fronteira internacional na contemporaneidade**³¹, uma vez que o discurso é homogeneizado e sintetizado no desenho de uma simples linha estática. Pretende-se investigar o uso do espaço público da linha de fronteira Brasil-Uruguay, definido pelas cidades-gêmeas, acreditando que o método da cartografia urbana sensível consiga expressar esses fenômenos urbanos próprios da contemporaneidade e contribuir para a compreensão dos acontecimentos, do que existe e do que (re)existe na linha de fronteira, mas não apenas em uma função recognitiva – conhecer e re-conhecer o mundo e as coisas que o cercam – e sim, aprender com a diferença, tudo aquilo que foge dos padrões até agora estabelecidos. Dessa forma, mapas são sobrepostos evidenciando a coexistência da morfologia – objetiva – e do cotidiano – subjetivo, criando assim novas formas de apreensão das cidades.

Dentro desse universo da composição intramapa, possibilitou **a cartografia do encontro sensível entre corpo, cidade e paisagem sonora urbana**³². A sonoridade urbana caótica reflete os fenômenos sociais heterogêneos e outras nuances das condições humanas produtoras do som. Ir de encontro à cidade superando o adormecimento sensorial próprio da emergência contemporânea, e compondo percurso sonoros auxiliados por artistas da cidade em estudo - Pelotas/RS. A cartografia sonora explora outros sentidos que aguçam novas e potentes estratégias de compreensão do espaço urbano.

27 Tema de dissertação em desenvolvimento pela autora Carolina Clasen (PROGRAU/UFPel).

28 Dissertação de mestrado publicada em 2015 pela autora Fernanda Tomiello (PROGRAU/UFPel). Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/dissertacao2015final_entrega.pdf> Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

29 Dissertação publicada em 2017 pela autora Talita Vieira (PROGRAU/UFPel), disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/dissertacao_talita_correa_vieira_silva_edu.pdf> acesso em: 10

de dezembro de 2017.

30 Próximo ao conceito da "A Collage como trajetória amorosa" de Fernando Fuão (2011).

31 Tema de dissertação em desenvolvimento pela autora Lorena Maia Resende (PROGRAU/UFPel).

32 Dissertação defendida em 2017 pela autora Antonella dos Santos Pons (PROGRAU/UFPel).

Cada narrativa proposta pelo grupo Cidade+Contemporaneidade está enraizada na construção do seu próprio discurso. No processo de formulação de um pensamento múltiplo, heterogêneo, de infinitas possibilidades na trama do rizoma, não há espaço para hierarquias ou privilégios. O grupo cria e (re)cria a cada encontro ou mesmo (des)encontro, percebendo novas possibilidades de agenciamentos. O diagrama da Figura 01 foi pensado em um contínuo rizoma que interliga cada trabalho proposto, como forma de elucidar os inúmeros atravessamentos percorridos e situar a evolução cartográfica de cada pesquisador. E, lembrando Foucault, não tratamos aqui de uma verdade única, mas apenas de mais uma entre tantas verdades, de tempos, espaços e pensamentos múltiplos. A Filosofia e Psicanálise irradia seus conceitos na construção e fortalecimento de cada narrativa, seja ela mais próxima da cartografia urbana, social ou sensível.

A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO

Cidade+Contemporaneidade

As atuais pesquisas e dissertações de mestrado do grupo Cidade + Contemporaneidade enaltecem nesse diagrama a complexidade do método da cartografia. O rizoma expressa a conectividade e heterogeneidade entre os temas de cada autor. Alguns mais próximos da cartografia urbana, outros à filosofia/psicanálise, e ainda as contribuições da cartografia social. No entanto, todos são atravessados por cada categoria criando novos e potentes agenciamentos.

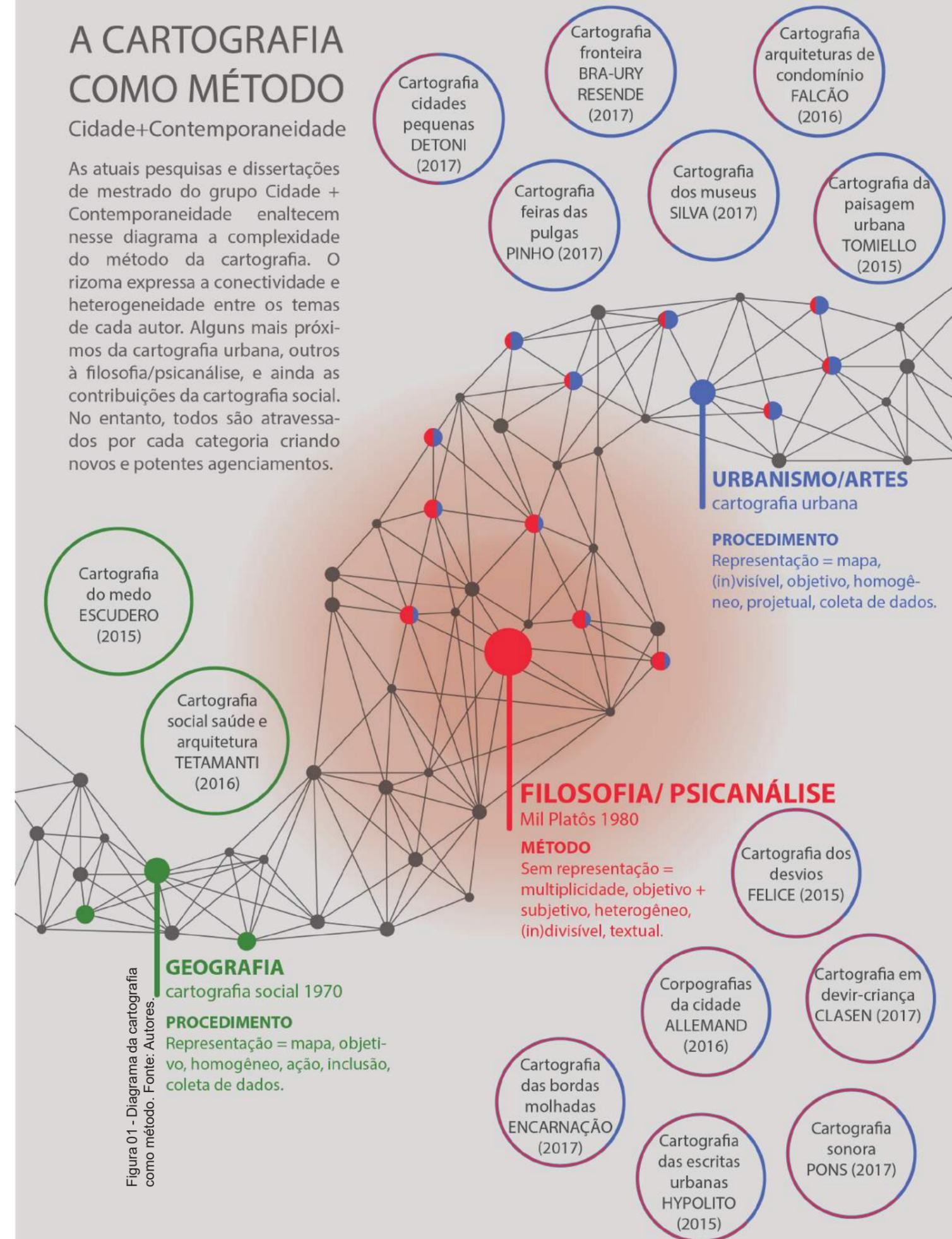


Figura 01 - Diagrama da cartografia como método. Fonte: Autores.

Referências bibliográficas

ALLEMAND, Débora Souto. *Corpografias da cidade através da dança: o uso da rua pel...AVOA! Núcleo Artístico*. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2016. Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/cor_pografias_da_cidade_atraves_da_danca.pdf>. Acesso em: 10 dezembro 2017.

CLASEN, Carolina Mesquita. *Urbano, demasiado urbano: crianças e corporalidades escolarizadas entre o Direito à Cidade e a urbanidade contemporânea*. In: SEMINÁRIO ANUAL DO PROGRAU, 7., 2016, Pelotas. Resumo. Pelotas: Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, 2016. p.10. Disponível em: <<http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/arquivos/cTCnws.pdf>> Acesso em: 17 novembro 2017.

CARERI, F. Walkscapes. *El andar como practica estética*. Barcelona: Editora G. Gili, 2003.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. *O que as crianças dizem?* In: G. Deleuze (Org.). *Crítica e clínica* (pp. 73-79). Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

DETONI, Luana Pavan. *Cartografia das cidades pequenas na contemporaneidade: urbanidade de um devir menor*. In: SEMINÁRIO ANUAL DO PROGRAU, 7., 2016, Pelotas. Resumo. Pelotas: Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, 2016. p.30. Disponível em: <<http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/arquivos/cTCnws.pdf>> Acesso em: 17 novembro 2017.

DI FELICE, Emanuela. *Ri-Abitare, auto-recupero assistito del patrimonio pubblico*. 2015. 207f. Tese (Doutorado em Cultura e transformação da cidade e do território) – Università degli Studi di Roma 3, Uniroma3, Itália. 2015. Disponível em: <<http://dspace-roma3.casur.it/bitstream/2307/4772/1/Di%20Felice%20Emanuela%20Tesi.pdf>>. Acesso em: 10 dezembro 2017.

DIEZ, Tetamanti J. M. e ARMESTO, S., 2016. *Salud Comunitaria, Territorio de relatos*. EDUPA. Comodoro Rivadavia. 83 págs. ISBN. 978-987-1937-65-3

ENCARNAÇÃO, Fabrício Sanz. *Caderno de estudos sobre a qualificação dos espaços públicos em orlas urbanas*. In: SEMINÁRIO ANUAL DO PROGRAU, 7., 2016, Pelotas. Resumo. Pelotas: Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, 2016. p. 20. Disponível em: <<http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/arquivos/cTCnws.pdf>> Acesso em: 17 novembro 2017.

ESCUADERO, Haydde Beatriz. *La construcción simbólica de la muerte: jóvenes, imágenes y espacio público*. 2015. 281 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Facultad de Periodismo y Comunicación Social, Universidad Nacional de la Plata, Comodoro Rivadavia. 2015. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/52537/Documento_completo_.pdf?sequence=3>. Acesso em: 10 dezembro 2017.

FALCÃO, Carolina Cabreira Magalhães. *Casa: Território de subjetividades. Um percurso sobre sensibilidade e arquitetura nos condomínios fechados*. 2016. 238 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2016. Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/falcao_carolina_dissertacao_de_mestrado.pdf>. Acesso em: 10 dezembro 2017.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

GALLO, Silvio. *O que é Filosofia da Educação: Anotações a partir de Deleuze e Guattari*. In: Revista Perspectiva. Florianópolis. V. 18. nº 34, jul/dez. 2015.

HYPOLITO, Bárbara de Bárbara. *Cidade, corpo e escritas urbanas: cartografia no espaço público contemporâneo*. 2015. 217 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2015. Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/dissertacao_barbara_hypolito_2015.pdf>. Acesso em: 10 dezembro 2017.

KASTRUP, V. (2007). *O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo*. *Psicologia e Sociedade*, 19(1), 15-22. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822007000100003&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 10 dezembro 2017.

KIRST, P. G., GIACOMEL, A. E., RIBEIRO, C. J. S., COSTA, L. A., & ANDREOLI, G. S. (2003). *Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis*. In T. M. G. Fonseca & P. G. Kirst (Orgs.), *Cartografias e devires: a construção do presente* (pp. 91-101). Porto alegre: UFRGS.

OLIVEIRA, Cêrio de. *Curso de Cartografia Moderna*. Rio de Janeiro: IBGE, 1988.

PINHO, Rafaela Barros de. *Feira das Pulgas cartografia da cidade na contemporaneidade*. 2017. 207f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2017. Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/dissertacao_rafaela_pinho.pdf>. Acesso em: 10 dezembro 2017.

PONS, Antonella dos Santos. *Territórios sonoros: entendendo manifestações sonoras urbanas e suas formas de produção territorial paisagem sonora e música de rua*. In: SEMINÁRIO ANUAL DO PROGRAU, 6., 2015, Pelotas. Resumo. Pelotas: Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, 2015. p. 18. Disponível em: <<http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/docs/bxMC4u.pdf>> Acesso em: 17 novembro 2017.

RESENDE, Lorena Maia. *Cartografia urbana na linha de fronteira: Travessia nas cidades gêmeas Brasil – Uruguai*. In: SEMINÁRIO ANUAL DO PROGRAU, 8., 2017, Pelotas. Resumo. Pelotas: Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, 2016. p.

ROCHA, E. *Prologo*. In: Juan Manuel Diez Tetamanti. (Org.). *Hacia una geografía comunitaria*. 1ed. Comodoro Rivadavia: UNPSJB, 2014, v. 1, p. 5-22.

ROCHA, E. ; TETAMANTI, J. M. D. ; CLASEN, C. M. *Intervenção no Bairro Dunas: por uma cartografia social dos encontros*. VIRUS , v. 14, p. 1-11, 2017.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROLNIK, S. (1999). *Novas figuras do caos: mutações na subjetividade contemporânea*. In L. Santaella & J. A. Vieira (Orgs), *Caos e ordem na Filosofia e nas ciências* (pp. 206-221). São Paulo: FACE/ FAPESP.

SILVA, Talita Correa Vieira. *Poéticas filmicas dos museus da UFPel: Pistas para uma aproximação interativa com a cidade*. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2017. Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/dissertacao_talita_correa_vieira_silva_edu.pdf>. Acesso em: 10 dezembro 2017.

SPINOZA. *Tratado Político*. Tradução, introdução e notas por Diogo Pires Aurélio; revisão da tradução por Homero Santiago. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

TALOCCI, G.; MUZZONIGRO, A. *Chi Perde Tempo Guadagna Spazio*, ovvero: Spazi e Tempi di Reciprocità tra São Paulo, Salvador de Bahia e Nicosia. In: *Lo Squaderno*. nº26, 2012. p. 77-79

TOMIELLO, Fernanda. *Fotografia sequencial e fotomontagem: alternativas para o estudo da dinâmica da paisagem urbana*. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2015. Disponível em: <http://prograu.ufpel.edu.br/uploads/biblioteca/dissertacao2015final_entrega.pdf>. Acesso em: 10 dezembro 2017.